

João Francisco Marques

A PARENÉTICA PORTUGUESA E A DOMINAÇÃO FILIPINA



OFFERECCE ESTE SERMAM, QUE PREGOV
na sua Santa Se em o dia da Trasladação do glorioso Martyr
São Vicente, em quinze de Setembro do anno passado de 1641.
Freixo da Conceição, natural de Lisboa, Frade menor da
Santa Provincia dos Algarves, Leitor de Sagrada
Esçrptura em o Conuento de São Francisco
de Enxabregas.

temas portugueses

Lisboa, por Antonio Alvarez Impressor del Rey N. S.

Título: A Parenética Portuguesa e a Dominação Filipina

Autor: João Francisco Marques

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: UED/INCM

Revisão do texto: Paula Lobo

Tiragem: 800 exemplares

Data de impressão: Fevereiro de 2010

ISBN: 978-972-27-1230-9

Depósito legal: 303 798/09

1.^a edição: INIC — Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986.
2.^a edição: a actual.

Ao Lídio e à Susana

Aos meus amigos Cruz Pontes e Flávio Gonçalves

*À memória de meu Pai
e do Prof. Manuel Lopes de Almeida*

NOTA À 2.^a EDIÇÃO, REVISTA

Esgotada, há vários anos, a 1.^a edição desta obra que, numa versão policopiada, constituíra a tese de licenciatura em História que apresentámos à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, reaparece agora em nova tiragem mercê do acolhimento da Administração da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, a quem tributamos o nosso inteiro e justo reconhecimento.

Assegurada a indispensável revisão formal, cuidada, por aqui nos detivemos, sem lhe tocar no conteúdo, mesmo conhecendo alguns contributos, a nível da investigação e análise, saídos no decurso das últimas duas décadas atinentes ao contexto histórico em que a temática específica deste trabalho se insere. Aceitá-los levaria, talvez, aqui e além, a diferente reestruturação. Optou-se, assim, por manter-lhe a sua integridade originária, consciente da total validade da versão na altura dada ao prelo.

E mais nada adiantamos senão reafirmar o rigor da pesquisa minuciosa em que assenta o estudo feito, porquanto o juízo do mérito da tarefa executada se continua a deixar à avaliação crítica da comunidade científica.

Póvoa de Varzim, Fevereiro de 2010.

PREFÁCIO

[da 1.^a edição]

À amizade do Dr. Flávio Gonçalves devemos o conhecimento da existência, na Biblioteca Pública de Braga, de numerosas miscelâneas de sermões impressos, facto que suscitou o nosso interesse pela parenética portuguesa de Seiscentos. Na verdade, não poucos historiadores, nacionais e estrangeiros, se referiam à importância que o seu estudo poderia ter.

Motivado pela circunstância de termos de apresentar, na década de 1960, uma dissertação de licenciatura em Ciências Históricas à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, procedemos a cauteloso inventário dos referidos espécimes — cauteloso, já que apenas se encontravam catalogados pela sumária designação de sermões vários. A tarefa seria, afinal, prelúdio de ulteriores investigações em várias bibliotecas e arquivos do País — Biblioteca Pública Municipal do Porto, Biblioteca Nacional de Lisboa, Arquivo e Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Biblioteca do Palácio da Ajuda, Biblioteca Pública de Évora, Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo —, a fim de alargar aquele primitivo inventário, o que realmente se conseguiu com uma amplitude insuspeitada.

Com efeito, pouco a pouco, foram-se-nos deparando muitas e significativas peças oratórias e, entre elas, tomavam vulto as relacionadas com o período da dominação filipina e da Restauração. O número e o valor destas últimas vieram assim a impor a escolha do tema, necessariamente restrito, do presente trabalho. E um plano de pesquisa e análise que de começo se confinava à época pós-aclamatória com uma referência preliminar ao domínio dos Filipes acabou por ser radicalmente modificado — tal o interesse dos elementos encontrados atinentes ao tempo da união dual. O prosseguimento deste estudo para a fase da Restauração tornou-se objecto de um outro específico tratamento em obra que presentemente se encontra no prelo.

Assim, após havermos esboçado, numa introdução geral, o alcance da parenética como instrumento de expressão de certos anseios colecti-

vos e, na circunstância, como expressão do espírito autonomista português, apontámos cronologicamente, ao longo da primeira parte, a forma como os oradores sacros se referem ao estado de insatisfação do reino desde a crise política de 1578-1581 até ao eclodir do movimento restaurador de 1640.

Na segunda parte, procedemos à análise da atitude desses pregadores em relação à personalidade dos reis filipinos que governaram o País durante os sessenta anos de dominação, bem como ao estudo dos meios utilizados para conservar e desenvolver o sentimento de autonomia que propiciou a jornada libertadora. E concluímos com uma síntese crítica do papel da oratória sacra em ordem à recuperação da independência. Uma «Tábua biobibliográfica» dos oradores intervenientes mostra qual o corpus documental básico de que nos servimos.

Dentro do critério adoptado — o de sempre basear nos textos toda a estrutura probatória da exposição —, com frequência fomos levado a transcrever passagens algo longas, cuja ortografia e pontuação originais procurámos conservar. A acentuada perspectiva diacrónica que elegemos correspondia, na altura, a uma concepção da história temporalmente marcada. E não foi por ostentação erudita que nos alongámos em certas anotações e recorremos a notas complementares, mas tão-só no intuito de fornecermos sugestões para ulteriores pesquisas ou informações complementares da atmosfera vivida no período estudado.

Sublinhe-se também que, apesar da distância decorrida entre o momento presente e aquele em que esta obra foi planeada — o que nos levou a uma revisão cuidada do texto e a indispensáveis desenvolvimentos, com actualização bibliográfica —, mantivemos a estrutura originária. É certo que vicissitudes várias ocorridas durante a impressão deste livro, que se estendeu por mais de três anos, não nos permitiram aproveitar os contributos informativos de alguns trabalhos entretanto aparecidos — ausência que nos apressamos a justificar.

Resta-nos, por último, agradecer a quantos, directa e indirectamente, nos ajudaram no decurso da elaboração deste estudo e possibilitaram a sua publicação.

Seja-nos lícito evocar, com saudade e gratidão, o Prof. Doutor Manuel Lopes de Almeida, sem cujo incentivo o presente trabalho não chegaria talvez a materializar-se. Na verdade, foi este ilustre Mestre da Universidade de Coimbra — director do seminário de História de Portugal, quando o frequentámos no ano lectivo de 1965-1966 — que nos animou a encetarmos o estudo da temática em causa.

Ao Centro de História da Universidade do Porto, em que como docente da Faculdade de Letras fomos integrado a partir de 1977, e aos seus responsáveis, nomeadamente os Profs. Doutores Oliveira Ramos e

Baquero Moreno, o nosso reconhecimento pelo ensejo dado para a revisão do texto primitivo, assim como ao INIC, que promoveu a [primeira] edição. É-nos ainda grato mencionar o Dr. Egídio Guimarães, ao tempo a dirigir a Biblioteca Pública de Braga, pelas facilidades que nos concedeu, e, de parceria com outros funcionários das instituições atrás nomeadas, o Prof. Doutor António Cruz, então director da Biblioteca Pública Municipal do Porto, por nos haver facultado a consulta do fundo ainda não tratado dos numerosos sermões avulsos aí existentes. E referência muito particular merece igualmente o quanto importa creditar ao fraterno acompanhamento do Prof. Doutor José Maria da Cruz Pontes, da Universidade de Coimbra, e do Dr. Luís Amaro de Oliveira, bem como a disponibilidade demonstrada pelo Prof. Hans Flasche, para utilização da valiosa colectânea de sermões e biblioteca especializada do Instituto Português da Sociedade Científica de Goërres.

Finalmente, aos que deixámos sem especial menção, mas de cujo trabalho e auxílio nos sentimos tributário, o nosso muito obrigado.

Póvoa, Janeiro de 1986.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL

<i>A parenética portuguesa e a expressão do sentimento autonomista perante a dominação filipina</i>	pp. 27-56
---	-----------

Alcácer Quibir e o misticismo sebastianista — A morte do Cardeal D. Henrique e a crise dinástica de 1580 — A dominação filipina e o clima de frustração social — Meios de expressão do sentimento autonomista: a literatura, o teatro, a epistolografia e a sermonária. Vida de relação e importância do púlpito — O pregador-homem da igreja e cidadão: imperativos religiosos e comprometimento temporal — A parenética e a conjuntura política emergente da união das duas coroas peninsulares. Religiosidade quinhentista/seiscentista e influência eclesiástica — Lugares de culto, clero secular e regular, actividade ministerial. Instrução catequética, pregação litúrgica e festiva — A liberdade de expressão do orador sacro: dimensionamento e significado — O quotidiano político — objecto de comentário para o ministro sagrado — Intervenção crescente da parenética portuguesa face ao domínio filipino: motivação e processos de actuação — Papel do clero secular através da estação homilética e das prédicas ocasionais na génese da Restauração — Sermonária e sua expressão textual. O sermão oral: processo declamatório, ouvintes e irradiação social da mensagem — O sermão impresso avulso: fidelidade ao texto pregado, tiragem e leitores — Historicidade e objectividade da análise factual do pregador. Processos retóricos, símiles bíblicos e episódios da história pátria — O pulsar patriótico-cristão na oratória autonomista.

PRIMEIRA PARTE

<i>Os pregadores portugueses perante a dominação filipina</i>	p. 57
---	-------

INTRODUÇÃO

<i>A oratória sacra e a crise política de 1578-1581</i>	pp. 59-100
---	------------

A notícia da morte de D. Sebastião e a comoção geral do reino — Cerimónias fúnebres pelo jovem rei e aclamação do cardeal D. Henrique —

Controversa pregação do jesuíta Luís Álvares, em Lisboa, após a tragédia de Alcácer Quibir — Sermão do graciano Fr. Miguel dos Santos, no templo dos Jerónimos, e o enraizamento da lenda sebástica — Maquinações de Filipe II na corte portuguesa e reacção patriótica dos pregadores: apelos à moderação, violência e «guerra santa» — Diligências do monarca espanhol, em Roma, junto do geral dos jesuítas e pressões de Cristóvão de Moura, junto de D. Henrique, solicitando-lhe medidas drásticas para com os pregadores — A substituição de António Perez pelo cardeal Granvella e a acção de Filipe II para cingir a coroa de Portugal — A situação económica portuguesa e os interesses das camadas sociais responsáveis — O anticastelhanismo do povo e do baixo clero — Cumplicidades do alto clero: atitude pró-filipina de D. António Pinheiro, bispo de Leiria — Morte de D. Henrique: o País dividido em facções — A crise dinástica: actividade dos pretendentes à sucessão do cardeal-rei e o alinhamento diversificado do púlpito português — Testemunho de Franchi-Connestagio e circular dos governadores pedindo a colaboração dos oradores sagrados na manutenção da ordem social — Provisão do arcebispo de Braga, D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, para execução da referida circular — Preparativos para a invasão espanhola de Portugal e o sermão de Luís Álvares, em Évora, no dia da Ascensão de 1580 — Literatura panfletária na defesa dos candidatos ao trono e condenação da campanha patriótica dos pregadores: a «carta aos governadores» contra Martim Gonçalves da Câmara — Entrada das tropas do duque de Alba e resistência do prior do Crato: a actuação decidida dos clérigos nos púlpitos de Lisboa — A derrota de Alcântara e a perseguição a D. António e seus apaniguados — Pregação de Fr. Sebastião Toscano e corajosa denúncia da corrupção filipina — Justificação teológica da invasão de Portugal e divulgação de umas «Propocisões» — O édito do legado pontifício, Alexandre Riário, de 11 de Fevereiro de 1581, e a cominação de penas aos pregadores anti-filipinos — Conclusão.

CAPÍTULO I

A oratória sagrada e o reinado de Filipe II pp. 101-164

A entrada em Portugal de Filipe II e as medidas tomadas nas cortes de Tomar — A animosidade do monarca para com patriotas notórios, entre os quais célebres pregadores — Atitude persecutória do superior dominicano Fr. Luís de Granada e do dos cónegos regantes D. Pedro de Assunção, contra os seus irmãos de hábito desafectos, no púlpito, ao monarca espanhol — Chegada a Lisboa de Filipe II acompanhado do sobrinho, cardeal Alberto de Áustria — Novo sermão patriótico do jesuíta Luís Álvares: aspectos controversos respeitantes ao local e tema — Ataques anónimos a pregadores antifilipinos: carta aos mestres universitários coimbrãos defensores de D. António — Provisão do prelado bracarense D. João Afonso Mexia, de 20 de Dezembro de 1582, contra a utilização da confissão e do púlpito pelos clérigos antonistas — Os Açores e a aclamação de D. António: os acontecimentos na Terceira — Alocução de Fr. Melchior, na Misericórdia da Ilha, no seu regresso do continente — Versão de Franchi-Connestagio da notícia do desembarque de D. Sebastião na Terceira — Intervenção pró-filipina do bispo D. Pedro de Castilho — Ataque castelhano à Ilha e pregação congratulatória pela vitória portuguesa na baía da Salga — Represálias contra os jesuítas de Angra — Extremismo da facção antonista e desentendimento com o gover-

nador Ciprião de Figueiredo — Truculência e burlesco na oratória de Fr. Simão de Barros — Pregadores seculares e regulares terceirenses no apoio a D. António — Condenação de João de Bettencourt e pedido de clemência de Fr. Pedro da Madre de Deus no púlpito da Misericórdia — Ameaças de Filipe II aos rebeldes e envio da esquadra do marquês de Santa Cruz — A armada de Filipe Strossi em socorro da Terceira e a acção dos pregadores incitando a população em favor de D. António — Desembarque, em S. Miguel, do pretendente português — Intensa actividade no púlpito ante a iminência de um confronto entre as duas esquadras inimigas: veemente improviso oratório do dominicano Fr. José Teixeira na Igreja de Vila Franca do Campo em resposta à prática evangélica e anódina do jesuíta Faustino de Mayorga e a reacção dos ouvintes — A vitória de D. Álvaro de Bazán e o castigo infligido aos patriotas antonistas — Festejos ordenados por Filipe II na sequência do êxito nos Açores e a atitude do clero — O episódio da «estátua» na cidade de Coimbra e o novo alento da facção eclesiástica antonista — Conquista da Terceira por Santa Cruz e implacável repressão do vencedor — Comemoração oficial da vitória castelhana e ressentimento dos portugueses — Regresso de Filipe II a Espanha e início do governo do arquiduque Alberto — Novas medidas repressivas contra os antonistas e sanções papais para com religiosos implicados — Resistência dos franciscanos nos púlpitos de Angra — Ataque de Drake em 1586 e medidas drásticas de Filipe II contra os mais notórios eclesiásticos açorianos adeptos de D. António — Difusão do sebastianismo nos púlpitos e o fervilhar do sentimento patriótico — Arremetidas do corso inglês às costas portuguesas e difusão de «revelações» prenunciadoras de castigos divinos — Intensa actividade religiosa aquando da partida da Invencível Armada — A freira da Anunciada e a actividade sebastianista — Repercussões da derrota e outro patriótico e controverso sermão do jesuíta Luís Álvares — Nova pregação do jesuíta em Évora nas exéquias anuais do cardeal D. Henrique — O indefectível patriotismo do célebre orador e as circunstâncias suspeitas da sua morte — Ataque de D. António a Lisboa, em 1589, e falta de adesão dos portugueses — Devassa e perseguição aos antonistas — Boatos, depredações corsárias, tributos, imoralidades e descontentamento popular — Partida do arquiduque Alberto e nomeação de uma junta para o governo de Portugal — Críticas de pregadores jesuítas ao estado do reino — Prepotências da governação contra a liberdade eclesiástica e o desagrado da população — A política externa de Filipe II e seus reflexos no império colonial português — Insistentes rumores de ataques ingleses e generalizada sensação de insegurança — Ressurgimento da lenda de Ourique, em Coimbra, no ano de 1597 — Astrologia judiciária e sua instrumentalização pelo púlpito em sentido providencialista — Dificuldades económicas de Espanha e a paz de Vervins — Morte de Filipe II e as exéquias oficiais: os sermões fúnebres pregados por Manuel Coelho, Francisco Galvão, João Aranha e Gabriel da Costa — Conclusão.

CAPÍTULO II

A oratória sagrada e o reinado de Filipe III pp. 165-202

Filipe III e o vaticínio de seu pai — A política conciliadora dos Filipes para com os judeus ditada por razões económicas — Violenta reacção no púlpito contra as negociações para um perdão geral aos cristãos-novos —

Revogação de legislação anterior e indulto papal de 1604 — Necessidade de se obstar a saída dos «conversos» por empobrecer o reino: acção repressiva — Cristóvão de Moura nomeado, em 1600, vice-rei de Portugal — Recrudescimento do sebastianismo: o calabrés Marco Túlio Catizone e a colaboração do dominicano Fr. Estêvão Sampaio — Conotação do sino de Velilla com o tríplice prodígio ocorrido, em Lisboa, no ano de 1601: a preservação pelo fogo do retrato de D. Sebastião no incêndio da igreja do Hospital de Todos os Santos; a praga dos gafanhotos e a inusitada cerração de névoa — Partido que disso tiraram os pregadores em favor da crença sebástica: o sermão do jesuíta Francisco Cardoso — D. João de Castro e a divulgação das profecias de Bandarra sobre *o Encoberto* — Descontentamento popular em face da situação do reino — Condenação à forca do falso D. Sebastião, Túlio Catizone, em 1603 — A política espanhola e a crescente dificuldade de governar o império ultramarino português — D. Aleixo de Meneses, arcebispo de Goa, e o estado da Índia — A publicação de *O Condestável* de Rodrigues Lobo e a exaltação da estirpe brigantina — Sermão de Fr. António de Gouveia, em 1610, nas exéquias do governador da Índia, André Furtado de Mendonça — Afirmacões de portuguesismo nas pregações proferidas por ocasião de celebrações régias: na do nascimento do futuro Filipe IV — Gabriel da Costa, André Guimaráes e Sebastião de Andrade, na da morte da rainha-mãe D. Margarida de Áustria e na do assassinato de D. Henrique IV — A projectada visita de Filipe III a Portugal e o desânimo popular ante os males do País — Violações dos privilégios eclesiásticos e preces nos actos de culto, pedindo a libertação do jugo castelhano — Incitamento patriótico do teatro jesuítico: a *Géryon* de Lucas Pereira, a tragédia *D. Afonso Henriques* de António de Sousa e *David Pastor* de Domingos Teixeira — Astrologia judiciária: Manuel Bocarro Francês prognostica a subida ao trono de novo descendente dos reis portugueses — A vinda de Filipe III a Portugal, em 1619: o sermão congratulatório do dominicano Fr. Simão da Luz — Entrada do monarca em Lisboa: cerimónia do juramento do príncipe herdeiro e incidentes ofensivos para a honra portuguesa — Visitas régias na capital e os sermões políticos do bispo D. Manuel Afonso da Guerra e de Fr. Pedro Calvo — Representação da *Tragicomédia de D. Manuel* ou *Conquista do Oriente*, da autoria do jesuíta António de Sousa, no Colégio de Santo Antão, e defesa velada dos direitos dinásticos da Casa de Bragança — Regresso apressado do rei a Espanha e deterioração progressiva do estado do reino — Hostilidade aos cristãos-novos, a coberto dos interesses nacionais, nos sermões de Fr. Gregório Taveira e Fr. Jorge Pinheiro — Denúncia da decadência moral e exaltação da idade de ouro do governo dos reis portugueses na pregação do dominicano Pedro Calvo — Ataques no púlpito ao mercadejar de cargos e ofícios públicos, eclesiásticos e civis — Morte de Filipe III e sermões fúnebres de Fr. António dos Inocentes, Fr. António Feo, Fr. António da Ressurreição e Fr. Baltasar Pais — Conclusão.

CAPÍTULO III

A oratória sagrada e o reinado de Filipe IV pp. 203-297

Expectativa ante o novo monarca — A grave crise económica da monarquia espanhola e os arbitristas — Impreparação governativa de Filipe IV e escolha de Olivares — A fundação da Companhia Holandesa das Índias

Ocidentais e o ataque ao Brasil em 1623 — Posições tomadas nos púlpitos portugueses: antijudaísmo, no sermão de André Gomes; nostalgia pelos tempos dos reis naturais, na pregação de Fr. Tomé de Faria; denúncia da má governação e do decadentismo nacional, na prédica de Fr. António dos Inocentes, por ocasião da festa de S. Vicente de 1623; a condenação do oportunismo político por Fr. Simão da Luz; desagrado pela prática seguida na distribuição de mercês e pela situação preocupante da Índia, por deficiente defesa, na oração proferida por Fr. Gregório Taveira — A perda de Ormuz em 1622 — Problemas político-sociais na pregação providencialista de Fr. Inácio Coutinho — A situação da Índia portuguesa na severa análise do jesuíta Bartolomeu Guerreiro, em 1623, na Capela Real — Os sermões de autos da fé e a situação do País: defesa do Santo Ofício e responsabilização dos judeus pelos males presentes, no sermão de Fr. António de Sousa, em 1624, quando foi sentenciado o lente coimbrão, António Homem, e o ataque aos judeus portugueses emigrados na Holanda, numa prédica de Fr. João de Ceita — Conquista holandesa da Baía e incitamento à sua recuperação — Movimentação geral do campo religioso e colaboração do púlpito: sermões do jesuíta Diogo de Areda, na partida de Lisboa da armada de socorro, e do bispo de Fez, D. Fr. Manuel dos Anjos — Comentário dos pregadores aos ataques sofridos pela navegação portuguesa no Atlântico — A reconquista da Baía de 1625: sermão congratulatório do dominicano Fr. Gaspar da Ascensão; festejos na metrópole e pregações de Fr. Pedro Calvo e Fr. Simão Correia, em Lisboa e Vila Real — Recrudescimento do sebastianismo: publicação da *Vida, Virtudes e Doutrina Admirável de Simão Gomes*, pelo jesuíta Manuel da Veiga — Nostalgia de uma corte portuguesa, na prédica do lóio Gabriel da Anunciação — Comentos no púlpito, em 1627, aos infortúnios presentes: onerosas tributações, naufrágios e ataques às possessões ultramarinas — Publicação, em Madrid, da «Lei Régia de Portugal», de Salgado de Araújo, e o problema da legitimidade da revolta pelo não cumprimento do *pactum subjectionis* — A *União de Armas* e o combate de Olivares contra as autonomias nacionais — Os males do reino abordados, em 1628, na sé lisbonense, por Fr. António de Tomar — A questão judaica: imputação aos judeus das infelicidades pátrias na prédica de Fr. Manuel dos Anjos, durante o auto de fé de 1629, em Évora, e negociação de um novo perdão geral — As cartas régias de 1627, favoráveis aos cristãos-novos — Crescente hostilidade aos tributos: o socorro da Índia e o «Motim das Maçarocas» — Contencioso entre a esfera civil e eclesiástica, a pretexto do alargamento do «real de água»: o Breve de Urbano VIII — Acontecimentos políticos e religiosos na visão de uma parenética providencialista: o nascimento do príncipe Baltasar Carlos e o sacrilégio de Santa Engrácia — Condenação dos validos no sermão de Fr. Francisco da Maia, em 1630, nas exéquias do arcebispo de Lisboa, D. Afonso Furtado de Mendonça — Ataque holandês a Pernambuco, em 1630, e tradicional reacção do púlpito implorativa da benevolência divina — Morte do duque de Bragança, D. Teodósio: exaltação entusiástica da Casa Brigantina nos sermões fúnebres dos jesuítas André Gomes e Bartolomeu Guerreiro — A publicação dos *Comentários dos Livros dos Reis*, do P.^e Francisco de Mendonça — Novas extorsões tributárias e reforma do Conselho de Portugal congeminaadas por Olivares — Opressão, arbitrariedade e descontentamento geradores de amotinções populares em Espanha e Portugal — Acentuação do inconformismo luso no *Discurso sobre os Fidalgos Portugueses* não militarem em conquistas alheias — Manipulação patriótica do «maravilhoso» na difusão de fenómenos sobrenaturais com sentido providencialista — Situação do reino e suas

conquistas no sermão da *Bula da Cruzada*, do carmelita Manuel Ferreira — A audácia crítica dos pregadores ante o estado da nação: alcance significativo da prédica de Luís de Lemos, vigário de Alhandra, em festa a Santo António — Os *Breves* apócrifos de Urbano VIII e a causa da autonomia portuguesa — A luta no Brasil contra os holandeses e a acção do P.^e António Vieira: a pregação na Igreja da Conceição da Praia, em 1633 — O regresso do *Encoberto* explanado por Vieira, em Acupe, no sermão de S. Sebastião — Polarização na Casa de Bragança da corrente autonomista: visita a Évora do duque D. João, em 1635, e sermão do jesuíta Gaspar Correia — Representação do drama *Eustachius Venator* do P.^e André Fernandes e profecia sobre o destino dos Braganças — Novo diferendo com o estado eclesiástico a propósito da questão das *capelas* — Aplicação a outros fins dos impostos lançados para socorro de Pernambuco — Motins populares e a aplicação do imposto do real de água — Lamentos, miséria e movimento migratório das populações — Urgência na defesa do Oriente: tema do vigoroso sermão do jesuíta Francisco de Macedo, na Capela Real, em 1636 — Denúncia dos males que afligem a nação, na prédica de Vieira proferida em 1637 na Misericórdia da Baía — Revolta dos pescadores em Lisboa contra o tributo do pescado — Os motins de Évora de 1637 e a actuação de jesuítas e dominicanos — Circular da princesa Margarida aos superiores eclesiásticos para castigo dos subordinados comprometidos com a rebelião — Prisão do jesuíta Francisco Freire pela aprovação do motim no decurso de um sermão pregado na Sé de Évora — Severa condenação da tirania de Olivares e da traição de portugueses, na pregação de Francisco de Macedo — Passado e presente, no sermão de S. Tomé, do jesuíta Manuel de Escobar, na Capela Real — Estímulo ao brio português, na prédica a S. Jorge do dominicano Tomás Aranha, ao aludir à falta de chefia havida nos motins de Évora — Convocação a Madrid dos mais altos representantes civis e eclesiásticos: vexames ao jesuíta Gaspar Correia e firme atitude patriótica de D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa — Nova tentativa da aplicação da «União de Armas» e o efeito pernicioso da união dual na economia metropolitana ligada ao comércio ultramarino — Ameaça da incorporação de Portugal como província de Espanha e «retrato» de Portugal castelhano por Fr. Luís da Natividade, em 1638 — Derrota de Maurício de Nassau e sermão congratulatório de Vieira a S. António — Nova alusão ao mesmo sucesso no Sermão da Visitação, em 1638 — O mito do *Encoberto* centrado no duque de Bragança e sua difusão no País — Publicação, em Madrid, da *Sucesión del señor Don Filipe Segundo en la Corona de Portugal*, de Agostinho Manuel de Vasconcelos, e a defesa do legitimismo da Casa de Bragança — Alusões recriminatórias ao comportamento do monarca para com os portugueses, na prédica de Jerónimo de Mascarenhas, no decurso do sínodo conimbricense de 1639 — Regresso de Madrid de D. Rodrigo da Cunha — Vinda a Lisboa do duque D. João e recepção apoteótica da população — Agravamento do litígio das *capelas* e prisão do colector Castracani — Interdito pontifício sobre a capital e descontentamento do povo — Derrota da esquadra de Oquendo e insucesso da expedição ao Brasil do conde da Torre, D. Fernando de Mascarenhas — O sermão de Vieira da Santa Cruz e a verberação das ofensas morais impeditivas do auxílio divino — Revolta da Catalunha e intimação feita à nobreza de Portugal e ao duque de Bragança para combater a rebelião — O cardeal de Richelieu e a sublevação de Portugal — Rumores de conjura em Lisboa e apelos à revolta na prédica de Fr. João da Conceição, na festividade de S. Vicente, em 1640 — Conclusão.

SEGUNDA PARTE

O espírito autonomista na parenética portuguesa durante o período filipino p. 299

INTRODUÇÃO

A parenética portuguesa e a personalidade dos reis filipinos pp. 301-348

Natureza das referências dos pregadores portugueses à pessoa e governo dos Filipes: a) Filipe II — *A Relação das Exéquias d'El Rey Dom Filippe* e a estrutura dos sermões fúnebres barrocos — Objectivos e processos, formalismo e apologia — Exaltação do governante católico, omissão do problema dinástico e conformismo perante a realidade presente — Elogio de Filipe II como soberano: invulgar administrador, justo, liberal e defensor intransigente da cristandade — Doença e morte exemplares: retrato humanizado e edificante — Valorização do monarca através do relevo dado à sua ascendência portuguesa, à afeição e benevolência manifestadas para com os naturais do reino — Advertência contra a decepção porventura resultante da união das duas coroas: verberação dos descontentes e imputação aos conselheiros das medidas menos felizes — Doutrinação absolutista expendida na análise à governação — Significação do teor elogioso e crítico do panegírico; b) Filipe III — Condicionamentos do reinado do monarca — esperança e desilusão dos portugueses — O convencionalismo das referências ao monarca: piedoso, bem intencionado e juguete nas mãos de políticos e validos — Expectativa à volta da sua visita a Portugal e necessidade urgente de medidas para melhoria do governo: o sermão de Fr. Simão da Luz — Reafirmação categórica da legitimidade de Filipe III à coroa portuguesa — Preocupação de ilibar a memória do rei de quanto a denegrisse no respeitante à brandura no trato, ao governo de Portugal, à confiança nos validos, à distribuição de cargos, à defesa das fronteiras africanas e à aplicação da justiça — Os sermões fúnebres na morte de Filipe IV — A pregação de D. Manuel Afonso da Guerra em vésperas das cortes: a concessão de mercês, a incúria administrativa e a falta de rei em Portugal — A intervenção do dominicano Fr. Pedro Calvo: a escolha dos ministros — Os sermões fúnebres na morte de Filipe III: consideração das injustiças existentes como mal crónico e menção da sua excessiva credulidade e entrega aos favoritos; aspectos positivos ressalvados: inexistência de guerras injustas e não agravamento de impostos, defesa calculada e denúncia indirecta de uma corrente de opinião inconformista; c) Filipe IV: Esperança no novo monarca — Estado de espírito comum aos dois reinos nos sermões de exéquias de Filipe III — Expressões formalistas de encómio, acentuando o lamento da falta de corte em Lisboa — Alusão a referências confidentiais para reforma da governação e fundada expectativa a partir das medidas encetadas para melhoria da justiça — Convencionalismo e lisonja, mesmo em Vieira — Conclusão.

CAPÍTULO I

A dominação filipina e a decadência de Portugal e seu império pp. 349-374

Situação do reino e seu império: degradação, desânimo e necessidade de actuação coerente com a glória passada — Limite e valor da crítica à

governança pública — *Males denunciados*: os atropelos à justiça, verdade e honestidade — As injustiças e rapinas cometidas na Índia e o mau exemplo dado em Portugal e Espanha sumariados por Luís de Lemos — O contraste entre o procedimento do português de antanho e o de então, traçado pelo jesuíta Manuel Escobar — O descalabro económico com o esbanjamento da fazenda pública, o aumento de tributos e miséria crescente — O desvio das riquezas do ultramar em prejuízo da nação — A diminuição do poderio naval português — Sermão da *Bula da Cruzada* de Fr. Manuel Ferreira: o estado de abandono dos «lugares de África» — O comportamento criminoso de responsáveis pelo governo da Índia referenciado por Fr. António Gouveia — O sucesso holandês no Oriente imputado à perda de navios e à carência de armas e esquadras capazes — A deplorável situação social, administrativa, militar, económica e religiosa do estado da Índia, denunciada nos sermões de S. Tomé pregados nos Paços da Ribeira — Os ataques bátavos à Baía e Pernambuco analisados nas pregações de Vieira — *Causas invocadas*: infracções morais, protecção aos judeus, apropriação dos bens eclesíasticos — Virulência antijudaica nos púlpitos de Tomar, Lisboa e Évora, pretextando a prosperidade material dos cristãos-novos — *Soluções apontadas*: tratamento filial para os portugueses; justa política na concessão de mercês, em particular aos soldados, marinheiros embarcados e órfãos; restauração do treino militar e remodelação da armada; expulsão dos judeus e cristãos-novos e necessidade de prestigiar o S. Ofício — Conclusão.

CAPÍTULO II

Do sebastianismo à exaltação da Casa de Bragança pp. 375-393

Transferência do *Encoberto* para o representante da Casa de Bragança — Alusões circunstanciais a D. Sebastião e a Alcácer Quibir desde a união dual — O sebastianismo em António Vieira e a interpretação do *Encoberto* no sermão de S. Sebastião (Acupe/Brasil, 1634) — Outras referências nas pregações de Francisco de Macedo e Manuel de Escobar — Os jesuítas e a identificação do *Encoberto* com o duque D. João: as orações fúnebres proferidas na morte de D. Teotónio, por Bartolomeu Guerreiro e André Gomes — Conclusão.

CAPÍTULO III

Incitamentos à insurreição restauracionista pp. 395-404

O alastrar do descontentamento e da consciência da inevitabilidade do emprego da força para a restauração da independência — Da coesão do povo à necessidade de um chefe — Apelo à união da nobreza e denúncia do seu voluntário alheamento nos solares provincianos — A mística do auxílio sobrenatural e sua justificação: o profetismo luso — A restauração como exigência do imperialismo português, universal e messiânico — Conclusão.

Natureza da interferência decisiva do púlpito ao longo da dominação filipina. Actuação contínua dos pregadores na defesa da autonomia e no despertar do ambiente propício ao movimento restaurador. Reconhecimento castelhano da importância desta actividade e repressão aos eclesiásticos patriotas. A acção dos pregadores no reino e no império. Limites do alcance do sermão impresso: subtileza, ambiguidade e generalização dos ataques. Importância da pregação junto das populações humildes. Insistente atribuição da decadência do País a causas morais e religiosas. Liberdade interpretativa e convencionalismo retórico na expressão oratória: tropos, alegorias, episódios bíblicos e históricos. Pregadores *colaboracionistas*. O trabalho subsequente da parenética na consolidação do golpe aclamatório de 1640.